

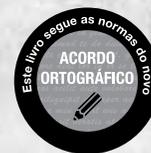


A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL 1942-1944



RICHARD OVERY

Tradução
Renato Marques de Oliveira

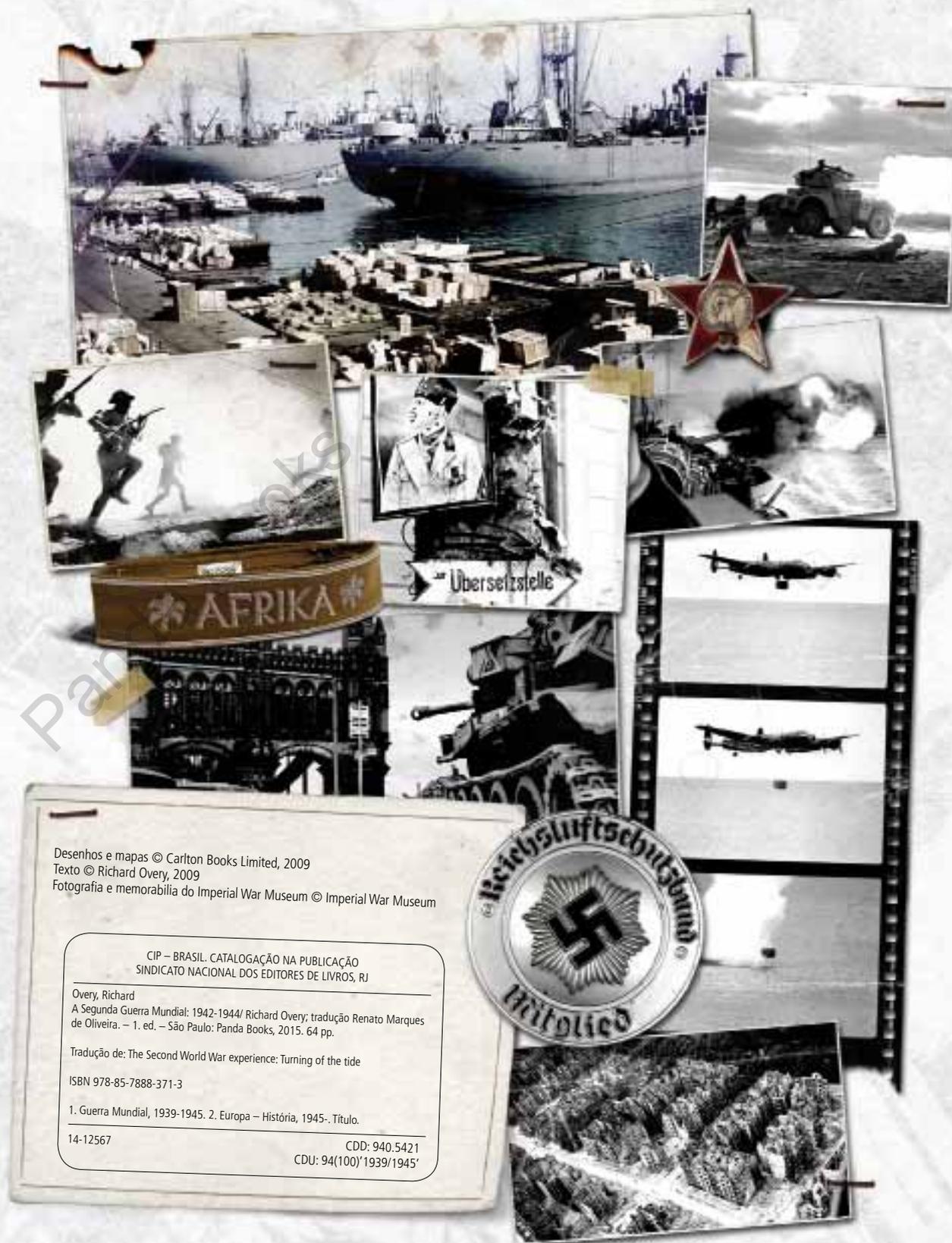


SUMÁRIO

- 03 - INTRODUÇÃO
- 04 - OPERAÇÕES 1942-1944
- 06 - A MARÉ VIRA NO NORTE DA ÁFRICA
- 08 - A BATALHA POR STALINGRADO
- 10 - A SEGUNDA BATALHA DE EL-ALAMEIN
- 12 - OPERAÇÃO TOCHA
- 14 - GUADALCANAL
- 16 - OPERAÇÃO URANO
- 18 - DERROTA EM STALINGRADO
- 20 - A CONFERÊNCIA DE CASABLANCA
- 22 - OPERAÇÃO LONGCLOTH: CHINDITS NA BIRMÂNIA
- 24 - O FIM DO EIXO NA ÁFRICA: TUNÍSIA
- 26 - O RAIDE DOS DAMBUSTERS
- 28 - RACIONAMENTO: A GUERRA POR COMIDA
- 30 - A BATALHA DE KURSK
- 32 - OPERAÇÃO HUSKY: INVASÃO DA SICÍLIA
- 34 - O BOMBARDEIO DE HAMBURGO
- 36 - A RESISTÊNCIA FRANCESA
- 38 - DE CARCÓVIA A KIEV: O EXÉRCITO VERMELHO ROMPE AS LINHAS INIMIGAS
- 40 - ITÁLIA: INVASÃO E RENDIÇÃO
- 42 - OPERAÇÃO CARTWHEEL: A GUERRA POR NOVA GUINÉ
- 44 - DE ILHA EM ILHA NO PACÍFICO: ILHAS GILBERT E MARSHALL
- 46 - OS TRÊS GRANDES: A CONFERÊNCIA DE TEERÃ
- 48 - GUERRA *PARTISAN*
- 50 - A BATALHA DO CABO NORTE
- 52 - A BATALHA POR ANZIO
- 54 - A BATALHA POR MONTE CASSINO
- 56 - A GUERRA SECRETA: ESPÍOES, CÓDIGOS E ARTIMANHAS
- 58 - A BATALHA PELA ÍNDIA: IMPHAL E KOHIMA
- 60 - GUERRA DO JAPÃO NA CHINA: OPERAÇÃO ICHI-GO
- 62 - ÍNDICE
- 62 - TRADUÇÕES
- 64 - CRÉDITOS

AGRADECIMENTOS

Fico feliz por reconhecer que este livro é resultado de um verdadeiro trabalho em equipe. A editora Gemma MacLagan teve papel fundamental em sua organização, e graças a ela me mantive no prazo. Russell Knowles e Steve Behan são responsáveis pelo poderoso conteúdo visual e leiaute do livro. Philip Parker e Terry Charman certificaram-se de que os fatos históricos sejam tão isentos de erros quanto possível, e agradeço por sua meticulosa supervisão do texto e das legendas, o que fez deste livro uma obra melhor.



INTRODUÇÃO

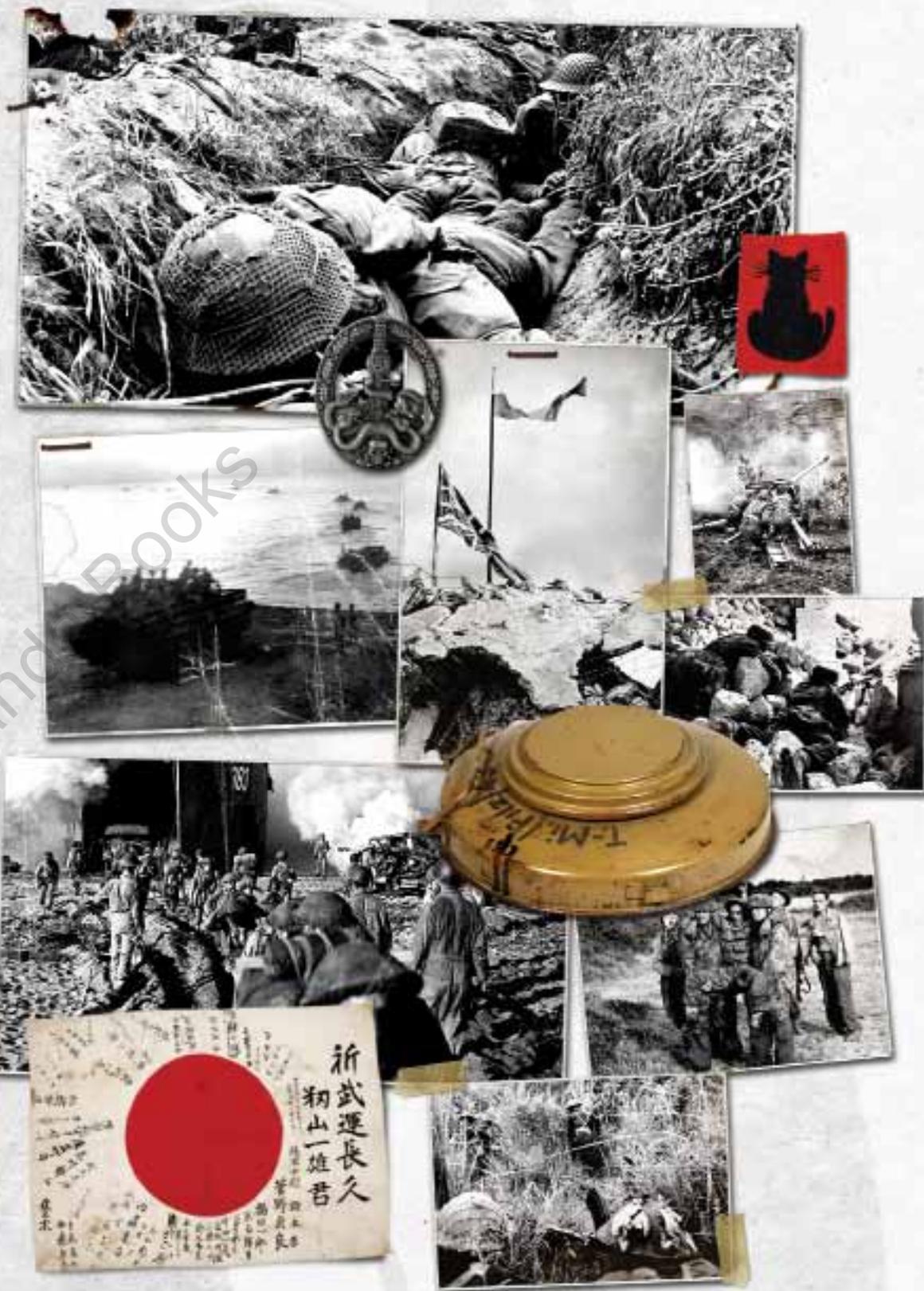
A Segunda Guerra Mundial foi a maior e mais mortífera luta armada na história da humanidade. Teve escala genuinamente global, e quase nenhuma parte do mundo ficou incólume. Ao final do conflito a geografia política do mundo havia sido transformada e armou-se o cenário para o surgimento do sistema dos Estados modernos. Pode-se exagerar a ruptura representada pela vitória em 1945, mas foi fundamental a mudança entre o mundo pré-guerra – de crise econômica, imperialismo e nacionalismo militante europeu – e o mundo pós-guerra – de boom econômico, descolonização e o confronto ideológico da Guerra Fria.

Vale lembrar que no início ninguém era capaz de antever que rumo a guerra tomaria ou o grau de destruição e violência que deixaria em seu rastro. Diferentes áreas de conflito amalgamaram-se, como muitos incêndios convergindo em um único inferno: o conflito europeu por conta das tentativas alemãs de infringir as restrições impostas após a derrota na Primeira Guerra Mundial; os embates gerados pela ambiciosa e expansionista Itália fascista, cujo líder Mussolini sonhava em recriar o Império Romano; e a guerra pela Ásia empreendida pelo Japão Imperial, decidido a afirmar o direito de povos não brancos de compartilhar um império, e, na Europa Central e no Leste Europeu, por uma aliança de Estados anticomunistas agrupados em torno da Alemanha de Hitler, que em 1941 lançou uma cruzada contra o sistema soviético.

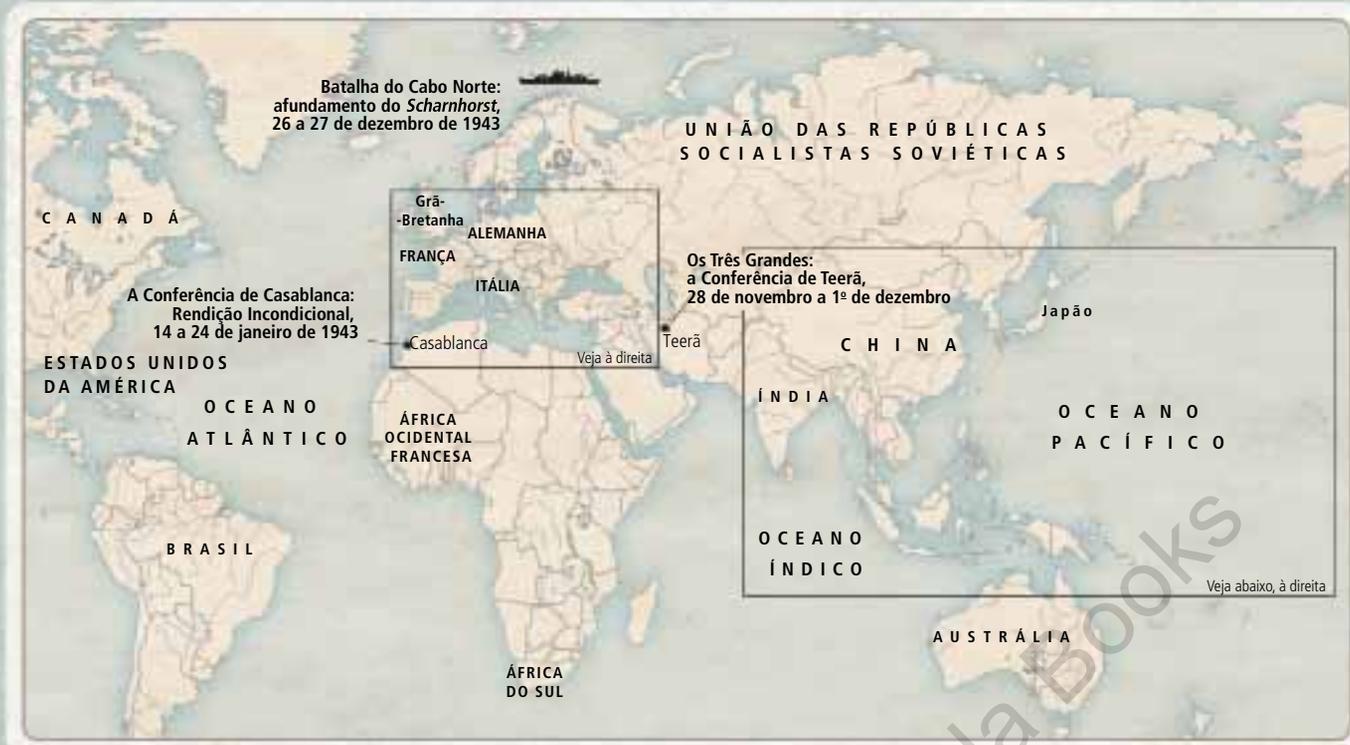
À medida que ganhava amplitude, a guerra foi arrastando todas as grandes potências. É costume afirmar-se que a entrada dos EUA em dezembro de 1941 assegurou a vitória dos Aliados graças ao seu poderio econômico, mas o resultado não foi predeterminado. A Alemanha e seus aliados dispunham de recursos abundantes e apoderaram-se de ainda mais. As tropas alemãs e japonesas lutavam com extrema habilidade. Para vencer os Aliados precisaram melhorar seu poder de combate, coordenar suas atividades e manter sua população comprometida com a causa, mesmo em tempos atribulados. A ideia de que as potências do Eixo, em especial a Alemanha, perderam a guerra em função da própria incompetência distorce o fato de que os Aliados tiveram de aprender a lutar com maior eficácia e explorar plenamente seus próprios recursos científicos, técnicos e de inteligência. Os sacrifícios que os Aliados fizeram – não apenas para assegurar sua própria sobrevivência, mas como modo de impor um mundo em detrimento de outro – dão a medida da importância que atribuíram à guerra. Havia a poderosa sensação de que se tratava realmente de um conflito que moldaria a maneira como a história seria feita.

A *Segunda Guerra Mundial* é a história desse conflito, desde suas raízes no acordo pós-guerra de 1919 até a vitória dos Aliados e o restabelecimento de uma ordem mundial mais estável. O fato de a obra ter quatro volumes atesta a gigantesca escala e complexidade das guerras travadas na Europa, Ásia, Oriente Médio e nos oceanos. Os dois primeiros volumes cobrem o período das agressões iniciais do Eixo e toda a expansão de suas conquistas territoriais. O terceiro cobre o período em que o resultado da guerra ainda era incerto em todos os teatros do conflito enquanto os Aliados pelejavam desesperadamente para refrear a maré do avanço inimigo. Aos poucos, mas de forma cabal, a maré começou a virar a favor dos Aliados. Ficou claro que as Forças do Eixo, que outrora pareciam imbatíveis, poderiam ser derrotadas em batalhas em campo aberto. A vitória na guerra no deserto pavimentou o caminho para a reconquista do Mediterrâneo; a vitória nas Ilhas Salomão abriu uma pequena brecha na fronteira defensiva do Império Japonês, por meio da qual os Aliados despejaram esmagadoras forças navais, aéreas e terrestres; a vitória em Stalingrado mostrou para o mundo que o Exército Vermelho havia alcançado a maturidade e que o período de vitórias fáceis dos alemães acabara. Este volume termina com os Estados do Eixo acucados em todos os frentes e a rendição da Itália; algumas das batalhas mais encarniçadas e custosas do ápice da guerra contra a Alemanha e o Japão são o tema do último volume.

RICHARD OVERY



OPERAÇÕES 1942-1944



LEGENDAS GERAIS — PARA OS MAPAS DAS PÁGINAS INTERNAS

Unidades militares	Tipos militares	Nacionalidades
Grupo de Exércitos	Infantaria	Alemã
Exército	Blindado	Italiana
Tropa	Áereo	Japonesa
Divisão	Mecanizado	Norte-americana
Brigada		Britânica
Regimento		Soviética
Batalhão		Francesa
Companhia		Romena
		Finlandesa
		Vichy (indicadas)
		Húngara
		Outras (indicadas)

MAPA DA EUROPA

- ESTADO DO EIXO, 1943
- ESTADOS ALIADOS DO EIXO, 1943
- OCUPADOS PELO EIXO, 1943
- LIMITE DA EXPANSÃO DO EIXO, 1942

MAPA DO ORIENTE

- IMPÉRIO JAPONÊS, 1943
- ESTADOS ALIADOS JAPONÊSES
- LIMITE DA EXPANSÃO JAPONESA, 1942

ACIMA E À DIREITA

O período 1942-1944 foi o ponto de virada na guerra. Em 1942 os avanços japoneses no sudeste da Ásia, Birmânia e ilhas do Pacífico criaram uma vasta e nova área de jugo imperial nipônico. Na Alemanha, após uma desaceleração dos ataques nazistas no inverno de 1941-1942, uma renovada campanha no sul da Rússia levou as forças teutônicas ao Volga e às montanhas do Cáucaso. No Norte da África, em 1942 o Eixo avançou território egípcio adentro. Desse ponto em diante os Aliados começaram a organizar uma defesa eficiente e iniciaram um lento programa de ofensivas nas ilhas do Pacífico, no deserto norte-africano e no coração do território soviético, empurrando para trás as Forças do Eixo. Em 1943 a Itália foi invadida e rendeu-se em setembro, e no final do ano o Exército Vermelho chegou à Ucrânia. Em meados de 1944 o cenário estava pronto para a derradeira e desesperada luta pela Europa e o Extremo Oriente.







30 DE AGOSTO A
7 DE SETEMBRO DE 1942

A MARÉ VIRA NO NORTE DA ÁFRICA

12 DE AGOSTO DE 1942

Churchill chega a Moscou para reunião de cúpula com Stalin e anuncia que não haverá um segundo front em 1942.

17 DE AGOSTO DE 1942

A 8ª Força Aérea dos EUA realiza seu primeiro bombardeio na Europa atacando a cidade francesa de Rouen.

19 DE AGOSTO DE 1942

Batalha de Dieppe: o ataque dos Aliados à costa norte da França, ocupada pelos alemães, é um desastre, com inúmeras baixas.

21 DE AGOSTO DE 1942

Tropas alemãs chegam ao cume do monte Elbrus, nas montanhas do Cáucaso.

22 DE AGOSTO DE 1942

O Brasil declara guerra à Alemanha e à Itália.

5 DE SETEMBRO DE 1942

Os Aliados Ocidentais confirmam planos para a Operação Tocha, a invasão do noroeste da África.

Quando a bem-sucedida ofensiva do Eixo adentrou o Egito na Linha de El-Alamein em junho de 1942, o comandante Rommel estava determinado a avançar e tomar o Cairo e o Canal de Suez. Seu êxito granjeou-lhe a patente de marechal de campo. Em 1º de julho as forças do Eixo atacaram a linha defensiva Aliada, mas as tropas da Comunidade Britânica estavam bem entrencheadas e rechaçaram os ataques. O general Auchinleck decidiu contra-atacar, tirando proveito da considerável superioridade em tanques e aeronaves. Iniciadas em 10 de julho, as ofensivas mostraram-se um custoso fracasso. Rommel foi instruído a não seguir adiante, mas o número de blindados dos Aliados, até então quatro vezes maior, foi drasticamente reduzido. No embate, que ficou conhecido como Primeira Batalha de El-Alamein, os Aliados tiveram mais de 13 mil baixas.

Frustrado com o repetido fracasso, Churchill destituiu Auchinleck e nomeou o general Harold Alexander comandante em chefe do Oriente Médio. O comando do 8º Exército ficou com o tenente-general William Gott, que faleceu em 7 de agosto, quando o avião que o transportava foi derrubado. Seu substituto, o tenente-general Bernard Montgomery, forjaria com Alexander uma extraordinária aliança que levaria os exércitos Aliados adentro do Norte da África, até a Sicília e a Itália continental. Montgomery relutava em iniciar uma nova ofensiva enquanto não contasse com substanciais reforços; em vez disso a linha defensiva foi fortalecida como prevenção contra um novo ataque alemão, cujos detalhes foram revelados pelo sistema ULTRA de decodificação.

O plano de Rommel era organizar um ataque diversivo contra as forças australianas e sul-africanas na costa ao redor de El-Alamein, ao mesmo tempo em que conduzia o grosso dos blindados alemães e italianos em um amplo giro ao sul



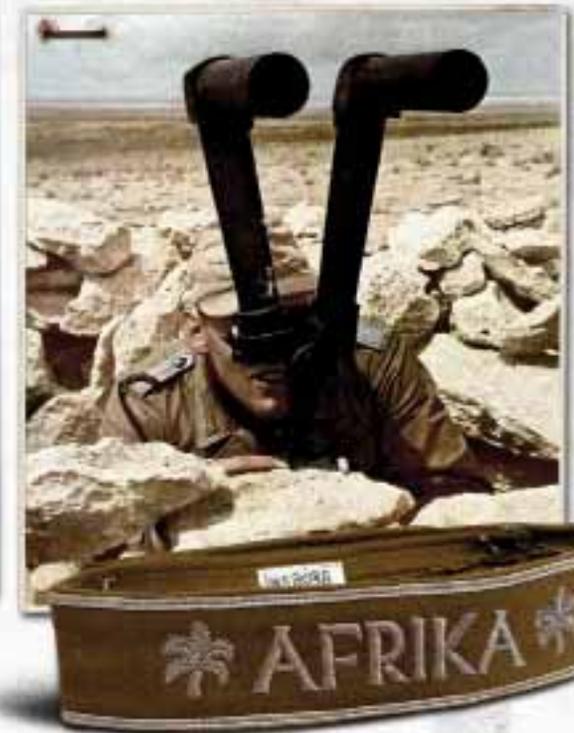
ACIMA O fascismo italiano continuava fingindo que a Itália era um poderoso Estado militar, apesar das derrotas na África. Aqui vemos um desfile militar diante de dignitários alemães na Piazza Venezia, em Roma, para demonstrar o poderio da nova Itália.

MARECHAL DE CAMPO HAROLD ALEXANDER (1891-1969)

Um dos mais vitoriosos comandantes britânicos em tempos de guerra. Após uma notável atuação nos combates da Primeira Guerra Mundial, tornou-se em 1937 o mais jovem general de exército. Comandou a 1ª Divisão na França em 1940 e depois a Força Expedicionária Britânica (BEF) durante a evacuação de Dunquerque. Em março de 1942 organizou a retirada britânica da Birmânia (Mianmar) e em agosto foi nomeado comandante em chefe do Oriente Médio. No início de 1943 tornou-se o vice-comandante de Eisenhower na campanha na Tunísia, onde reorganizou o desarranjado front Aliado e forçou o Eixo a se render em maio. Comandou a invasão da Sicília e Itália e em novembro de 1944 foi designado comandante supremo do Mediterrâneo e promovido a marechal de campo. Foi governador-geral do Canadá de 1946 a 1952.

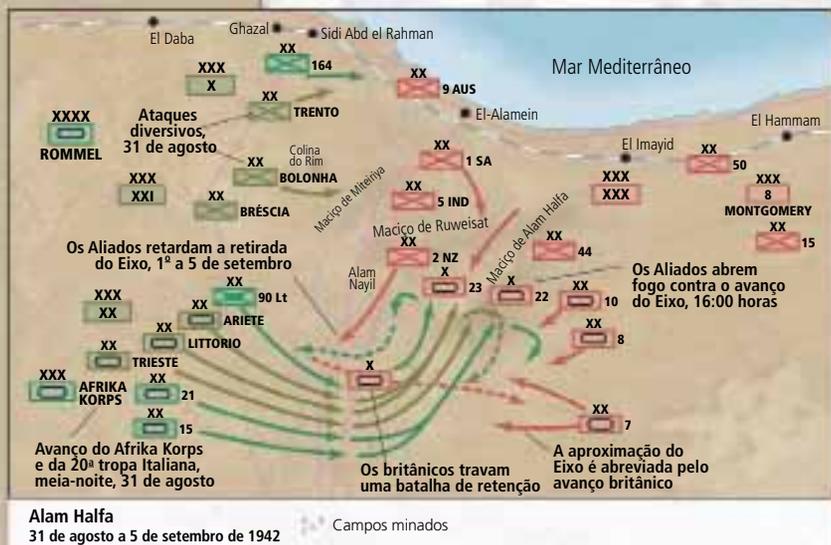


para flanquear as tropas de Montgomery, uma manobra ambiciosa mas previsível. Montgomery preparou suas tropas para enfrentar o Eixo no Maciço de Alam Halfa, cerca de 25 quilômetros atrás das linhas Aliadas. Com pouco combustível e um número limitado de tanques, Rommel iniciou o ataque na noite de 30 para 31 de agosto com quatro unidades blindadas, as divisões 15ª e 21ª Panzer, mais as divisões italianas Ariete e Littorio. Avançaram rapidamente através



ACIMA Soldado alemão usa um periscópio "orelhas de burro" para observar as linhas Aliadas nos ataques de sondagem de Rommel no início de julho de 1942.

OBJETO Braçadeira concedida às tropas alemãs que participaram das campanhas no Norte da África.



da série de “caixas” defensivas ao sul da linha Aliada e guinaram em Alam Halfa para completar o cerco.

A estratégia de Montgomery funcionou exatamente conforme o planejado. Obstruídas em extensos campos minados, as Forças do Eixo foram atacadas de flanco pela 7ª Divisão Blindada Britânica e fustigadas por um eficaz fogo de artilharia antitanque no espinhaço. Após dois dias de batalhas infrutíferas, Rommel ordenou a retirada, deixando para trás 50 tanques e 400 veículos. Foi o mais longe que o Eixo conseguiu chegar no Norte da África, e o último vislumbre que Rommel teve de abocanhar uma vitória rápida. Ao longo dos dois meses seguintes ele estabeleceu uma compacta linha defensiva contra o esperado contra-ataque, com vastos campos minados e divisões blindadas atrás deles.

A vitória em Alam Halfa não atraiu a mesma atenção dada ao triunfo em El-Alamein, em novembro, mas foi um importante ponto de inflexão e uma oportunidade para Montgomery mostrar seu valor, pois Churchill o pressionava a agir. A vitória foi obtida graças a uma substancial superioridade em armamentos e suprimentos. Em outubro de 1942 a Força Aérea do Oriente Médio era constituída por 96 esquadrões de mais de mil aeronaves, com um genuíno sabor internacional. Além de unidades tripuladas por britânicos, havia esquadrões norte-americanos, sul-africanos, australianos, gregos, canadenses, franceses, rodesianos e iugoslavos. O poderio aéreo mostrou-se um bônus para os Aliados enquanto o componente aéreo italiano minguava, prejudicado pela constante escassez de combustível. Essa vantagem seria decisiva nas ofensivas seguintes – e mais célebres – de Montgomery.



ACIMA As Forças Britânicas dependiam dos generosos suprimentos fornecidos pelos EUA para as campanhas no Oriente Médio. Aqui o 5º Regimento Real de Tanques exibe para a câmera um de seus blindados Grant em 17 de fevereiro de 1942.



ACIMA Churchill voou até o Cairo em agosto de 1942 para ver pessoalmente o que deveria ser feito para assegurar a defesa do Norte da África. Aqui ele está sentado com o premiê sul-africano Jan Smuts; atrás, o general Alan Brooke (à direita) e o marechal do ar Arthur Tedder (à esquerda).

